

CYRO

Contei, há pouco tempo, nesta coluna, que Cyro dos Anjos, que está dando em Lisboa um curso de cultura brasileira, escreveu um romance que é uma espécie de painel político de Minas e do Brasil, nos últimos tempos. Acrescentei que uma das figuras retratadas no livro era a do sr. Benedito Valadares. Isso eu disse porque assim me dissera um amigo que já leu os originais do romance (há uma cópia circulando no Rio) e que eu supunha fidedigno; ora, resulta que não no era.

Cyro me escreve desmentindo; já antes Carlos Drummond de Andrade, que também leu o romance, me dissera que a informação era errada. Estou em que de algum modo o senador Valadares deve estar nesse livro, ainda que diluído ou desbeneditizado; nem é possível imaginar uma ausência completa de homem tão presente na política mineira. Mas o importante é que não há retrato, nem caricatura.

Eis a carta:

"Lisboa, 19 de novembro de 1954.

Braga insigne.

Duas vezes por semana, dou um pulo à Panair, a fim de ler as nossas gazetas, e ali costumo papar, com devoção de velho fã, as suas crônicas do "Correio". Assim, não me escapou aquela em que, de passagem, você se refere ao livro que concluí no México e ora aí se encontra em mãos de amigos, ainda no estado datilográfico.

A referência foi amável e prestigiou o autor e a obra. Mas, caro Braga, peço desfazer a lenda, que está a se formar, de que um dos personagens se identifica com influente personalidade política de Minas. Inflija a si mesmo a pena de ler os originais, e verá que não há isso. Se o autor ambicionou reproduzir, em mural, a fisionomia da época, a verdade é, porém, que dos episódios se captaram apenas as essências. E, quanto aos personagens, (pelo menos os principais), trata-se de criações inteiramente arbitrarias. Em segundo plano e de relance, aparecem figuras de existência histórica, a marcar o tempo e a caracterizar o ambiente. Mas, os contatos do romance com a História se restringiram às puras conveniências da ficção. A própria geografia de "Montanha" é toda imaginária, a partir da estaçãozinha de Chapéu d'Uvas, onde os guardachaves da Central a libertam da realidade.

Assim, Braga, não houve apenas fusão de épocas e desintegração de fatos — para novas manipulações, segundo o interesse novelístico — mas, principalmente, uma livre combinação de tipos e de caracteres, na qual os dados do concreto se mesclaram aos do imaginário, em proporção mínima, e ainda assim na forma de moléculas já dissociadas.

Perdoe-me se me estendo, mas o esclarecimento é útil para prevenir mal-entendidos, e, por outro lado, preservar o autor da incômoda situação de pintor de retratos. Você sabe o que acontece: chega um cavalheiro, olha o retrato, não o acha parecido com o modelo, sai resmungando — "Não presta!"

É o que me sucederia, Braga, quando o leitor confrontasse o personagem com a pessoa que você supôs havê-lo inspirado.

Quando Flaubert exclama: "Madame Bovary sou eu!" está proclamando uma verdade válida para o geral dos escritores, em relação a seus personagens. Os tipos que circulam no meu livro são todos eles carne e sangue do autor, com o mal e o bem que obraram ou pensaram — mal e bem que, em potência, existem na alma de todo cristão. Muito lhe agradecerei, velho Braga, os esclarecimentos que você puder prestar, na sua coluna, a esse respeito. Será um modo de me pagar a carta que lhe mandei do México, há tempos, e que você não respondeu.

Um abraço do seu amigo e admirador — Cyro dos Anjos".

Pela cópia.

2/12/54 R. B.

195